



DISPARADA

EU QUERO É BOTAR MEU BLOCO NA RUA

**TESE DO DISPARADA PARA O
CONGRESSO EXTRAORDINÁRIO DA UNE**

SOMOS DO TAMANHO DOS NOSSOS SONHOS!

Somos a Juventude que sempre se colocou contra o Golpe contra a Presidenta Dilma e as reformas antipopulares de Temer. Somos a Juventude que denunciou a Operação Lava Jato e que sempre esteve ao lado de Lula. Somos a Juventude que ocupou as ruas no #EleNão e nos Tsunamis da Educação, e que agora, mais do que nunca, entende que é na rua que derrubaremos o governo genocida de Jair Bolsonaro.

Somos a Juventude que acredita na volta de um Brasil melhor, com vacina no braço e comida no prato. Acreditamos em um país em que os jovens possam sonhar com entrar na Universidade, se formar, e ter perspectivas de emprego digno e de uma vida melhor. Acreditamos em um país soberano, desenvolvido, que seja

exemplo para o resto do mundo. E, por isso, sabemos que é **nosso dever derrubar o Bolsonaro já e eleger Lula Presidente!**

Somos milhares de jovens por todo Brasil. Somos filhos da classe trabalhadora, mulheres, negros e negras e LGBTQIA+, que sempre se propuseram a transformar a realidade em que vivemos e a **combater todas as formas de desigualdades e opressões**. Nosso objetivo é a conquista de corações e mentes e a disputa da sociedade em todas as esferas da vida cotidiana. Queremos construir uma nova sociedade sem exploradores e explorados, uma sociedade socialista. Mas acreditamos que isso só virá a partir de uma construção de massas, coletiva e perene.

Valorizamos o movimento estudantil como espaço de disputa. Por isso, construímos diversos Grêmios, Centros Acadêmicos e DCEs por todo país, reunindo milhares de jovens sonhadores que acreditam que a educação transforma as pessoas, e estas são capazes da transformação de sua realidade.

Mas entendemos que o **movimento estudantil não pode se fechar em si próprio**: é nosso papel expandir nossa atuação para além dos muros das Universidades e, atualmente, para além das salas de Zoom. Para tanto, construímos, por todo país, a Rede de Cursinhos Populares em Disparada, nossas Redes de Solidariedade e o Coletivo Arroz, Feijão e Economia, de economia popular. É apenas com pé na rua, muita luta e criatividade, construindo um trabalho nas bases todos os dias, que construiremos uma saída coletiva para esse momento que estamos vivendo.

Venham com a gente, em Disparada, construir esse projeto de sociedade que é do tamanho dos nossos sonhos!

PANDEMIA, CRISES E RESISTÊNCIA POPULAR

A pandemia e as crises decorrentes desta estão transformando a organização do capitalismo global. A **crise sanitária agravou uma crise sistêmica do capitalismo** que se arrasta desde 2008. As políticas econômicas neoliberais, marcadas por medidas de austeridade fiscal, corte de gastos públicos, terceirizações, privatizações de estatais e abertura ao capital financeiro são cada vez mais autoritárias, entrando em contradição com a própria democracia liberal. Além de retirarem direitos, levaram a um crescimento mundial menor que no período anterior à crise e à situação que já nos encontrávamos antes mesmo da COVID-19: **de aumento da desigualdade, do desemprego e do desamparo social**.

Ficou nítida, nesse contexto, a necessidade de investimentos e

de organização social para enfrentar a pandemia, o que colocou em **destaque o papel do Estado**. De um lado, os países socialistas, como China, Cuba e Vietnã, adotaram medidas muito mais efetivas para combater a crise sanitária. De outro, países centrais do capitalismo, como os EUA, aprovaram iniciativas de políticas de proteção social e estímulo econômico advindos do governo, o que expõe o longo processo de desmonte do Estado implementado pelas políticas neoliberais.



O cenário também vem acelerando a alteração da correlação de forças global, aumentando proporcionalmente a **influência chinesa**. A polarização EUA-China que já era evidente com a chamada guerra comercial entre essas duas superpotências tornou-se

ainda mais presente. A nação socialista apresenta um novo modelo de desenvolvimento com a indústria 4.0, com uso intensivo de tecnologia, que alterou a distribuição das cadeias globais de valor. Retoma-se a importância do Estado Nacional e uma recentralização das cadeias produtivas, uma vez que a busca por mão de obra mais barata não é suficiente.

Na **América Latina**, região que foi alvo de ofensivas autoritárias, golpistas e amplamente alinhadas com a burguesia estadunidense na última década, temos visto uma **contraofensiva de forças populares desde 2019**, trazendo esperança de tempos melhores. Na Bolívia, a volta da esquerda após o golpe truculento, levando à punição dos golpistas. No Chile, as lutas pela aprovação da Assembleia Constituinte e a escolha de uma mulher indígena para liderar esse processo, dando voz aos povos originários e às minorias políticas por anos silenciadas no país que fora berço do neoliberalismo na região. No Peru, a vitória de Pedro Castillo sobre Keiko Fujimori, herdeira do legado neoliberal e autoritário de seu pai. Na Colômbia, os levantes populares em meio à pandemia reivindicando condições dignas de vida para o povo. Tais experiências devem nos inspirar para combatermos em conjunto o neoliberalismo e o imperialismo. Afinal, **aqui se respira luta!**

O ARROZ TÁ CARO, O FEIJÃO TÁ CARO! TRAZ DE VOLTA O LULA E MANDA EMBORA O BOLSONARO!

O golpe que tirou Dilma da presidência relembrou o descompromisso da elite nacional e das suas representações no Parlamento e no Judiciário com a democracia. O legado que o governo golpista de Michel Temer deixou para o Brasil foi o da precarização das relações de trabalho e do aumento da informalidade, frutos da Reforma Trabalhista; o do sucateamento do sistema público de saúde e da educação no Brasil, desde o ensino básico ao superior, a partir da Emenda Constitucional 95, do Teto de Gastos. Isso pavimentou o caminho para o aprofundamento da crise econômica e sanitária que vivemos hoje.

Mais de quatro anos depois do golpe, seguimos com retrocessos que afetam principalmente aqueles que sempre sofreram

com a estrutura desigual da sociedade brasileira. **A pandemia da Covid-19 trouxe uma profunda crise sanitária e aprofundou a crise econômica, financeira e política.** Com Bolsonaro, voltamos ao Mapa da Fome, os preços dos alimentos subiram, atingimos as piores taxas de crescimento econômico dos últimos anos e temos mais de 14 milhões de brasileiros desempregados. Isso sem falar no desmonte da previdência social, na destruição da educação pública, e no desmantelamento do SUS, com o presente colapso diante da irresponsabilidade do governo frente à pandemia do coronavírus.

O governo de Bolsonaro segue sua agenda antipopular, autoritária e reacionária. O **discurso obscurantista de negação à ciência** têm apelo em parcelas importantes e colaboram com a construção de um sentimento geral “antissistema” e de um conservadorismo difuso junto ao bolsonarismo. Não devemos interpretar as ações negacionistas como atos deslocados. A prática fascista sempre se utilizou de técnicas agitativas diversas com um suposto viés antissistêmico para servir à sua constante mobilização em prol de uma contrarrevolução conservadora, que tem como real objetivo a aniquilação das forças progressistas e a repressão dos interesses dos trabalhadores.

A gestão desastrosa da pandemia, gerando constrangimento internacional, fez com que setores da burguesia se afastassem de Bolsonaro e adotassem uma postura de maior pressão sobre o governo. É nesse contexto que setores da direita neoliberal e boa parte da grande mídia brasileira, acusando o discurso negacionista, tentam se distanciar de Bolsonaro e se projetar como terceira via.

Nomes como João Doria, Ciro Gomes e Eduardo Leite têm tentado se projetar nesse campo. Entretanto, são evidentemente pré-candidaturas frágeis e a **direita neoliberal tem dificuldade em conquistar apoio popular que lhe dê viabilidade eleitoral**. Assim, empregam uma iniciativa de pressão sobre o governo Bolsonaro para que ele intensifique a agenda econômica de desmonte do Estado, através do **corte dos direitos trabalhistas, desmonte dos serviços públicos e privatização das estatais brasileiras**, como da Eletrobras e dos Correios, mas evite ações mais virulentas que têm abalado a imagem do Brasil no cenário mundial.

É nesse contexto que se insere a **CPI da Covid**, majoritariamente composta por lideranças do chamado Centrão. Trata-se de um novo front dessa disputa dentro do campo da burguesia, que tem dado visibilidade às sabidas ações criminosas de Bolsonaro. É verdade que é improvável que seus trabalhos levem à derrubada do governo, uma vez que Bolsonaro conseguiu eleger o presidente da Câmara e do Senado. **Mas nosso dever é destacar a todo tempo o papel criminoso de Bolsonaro e seu governo, entendendo que ele só cairá a partir da intensa pressão do povo nas ruas e não do mero trabalho do parlamento**. Bolsonaro é assassino e o grande responsável pelas centenas de milhares de vidas que perdemos!

E por isso precisamos **ocupar as ruas de maneira permanente**. Os atos dos dias 29M, 19J e 3J foram um sucesso e demonstraram a força da esquerda e dos setores progressistas. Não nos calaremos frente aos ataques à classe trabalhadora e às mais de 500 mil mortes cuja responsabilidade são exclusivamente do Presidente e de

seus aliados. Bolsonaro é mais perigoso do que o vírus e é na rua que vamos derrotá-lo!



COMIDA NO PRATO, VACINA NO BRAÇO! VOLTA LULA!

Após anos seguidos em que denunciávamos o golpe e a farsa contra Lula, o presidente teve os seus processos anulados pelo Supremo Tribunal Federal. Nada restabelecerá os dias que Lula ficou preso injustamente e muito menos os males que a Operação Lava Jato causou ao país, com milhões de desempregados, empresas quebradas, prisões ilegais e a criminalização da política e do PT que levaram o genocida ao poder. De toda forma, a decisão do STF é um passo importante no sentido de alterarmos o imaginário popular em relação a esta operação.

A retomada dos direitos políticos de Lula dá força e esperança não apenas ao PT, mas ao conjunto das forças populares, mostrando que, mais do que nunca, a construção da frente de

esquerda é possível. A unidade do nosso campo para derrotar Bolsonaro dispõe sobre o compromisso com a garantia dos direitos do povo e da democracia. Mas não basta uma unidade estática para consolidar as vitórias necessárias às forças populares. O momento impõe uma reorganização em prol de uma atuação constante na base, ampliando nosso alcance na sociedade, e o PT, partido com maior capilaridade e representação popular, tem, portanto, uma tarefa fundamental nesse sentido, colocando Lula como o centro da mobilização popular. Não é hora de paralisia, espera ou recuo. O enfraquecimento de Bolsonaro e a luta pela queda de seu governo genocida a partir das ruas são essenciais inclusive para viabilizar um novo governo petista. **O êxito eleitoral de Lula em 2022 precisa ser a consolidação de uma vitória popular que se dará nas ruas contra o bolsonarismo e sua política de fome e morte.**

Ao mesmo tempo, precisamos defender a implementação do **auxílio emergencial de R\$600 já.** O auxílio, que por um momento teve mais da metade da população como beneficiária, ampliou naquele período a aprovação do governo entre as camadas populares e teve, inclusive, um papel importante nas eleições municipais de 2020. Essa foi uma conquista da bancada da oposição no Congresso Nacional, que deve ser reivindicada e estar entre as nossas bandeiras. Também precisamos defender o **avanço da vacinação em massa** da população, contra o discurso negacionista, e a **revogação da Emenda Constitucional do Teto de Gastos**, que restringiu os investimentos públicos em saúde e educação. Mais do que nunca, o Sistema Único de Saúde (SUS) tem provado ser uma das maiores riquezas nacionais e é papel da esquerda reivindicar e lutar contra os ataques do governo Bolsonaro.

CIÊNCIA NÃO É BALBÚRDIA!

Desde o início do seu governo, Bolsonaro já declarou que a educação e os estudantes são seus maiores inimigos. Vivemos um processo de desmonte da educação pública, em curso desde a aprovação da Emenda Constitucional do Teto de Gastos, marcado por ataques sistemáticos do ensino básico ao ensino superior, pelo avanço das privatizações e pela perseguição política. Para Bolsonaro, a educação pública sempre foi um gasto, e não um investimento.

Com isso, seu governo realizou uma série de **cortes nos orçamentos das Universidades Federais e nas bolsas de pesquisa**. O recurso disponível em 2021 é 37% menor se comparado ao de 2010, corrigido pela inflação. Esse cenário vem ameaçando o fun-

cionamento das instituições de ensino, que já ameaçam fechar as portas, e o desenvolvimento do nosso país, uma vez que as universidades públicas são responsáveis por mais de 90% da pesquisa produzida no Brasil.



Ainda assim, **as universidades públicas demonstraram seu papel fundamental no último período e estiveram na linha de frente do combate à pandemia.** Ao todo, 40% da população brasileira foi impactada por ações, como a produção de álcool gel, máscaras e escudos faciais e a realização de milhares de exames de testagem para Covid-19, conduzidas por instituições federais no ano passado. Também foram as universidades e os institutos de pesquisa que encabeçaram as investigações sobre novas cepas, que viabilizaram a fabricação de vacinas brasileiras, desenvolve-

ram respiradores mais baratos e acessíveis e realizaram tantos outros projetos fundamentais para o combate à pandemia.

Se Bolsonaro acha que aqui se faz balbúrdia, provamos a ele que além de genocida é mentiroso. Não ao negacionismo, não ao desmonte das universidades públicas. Por mais investimento em educação, fora Bolsonaro!



RETRATO DA DESIGUALDADE: OS EFEITOS DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO

O descaso do Governo Federal se tornou ainda mais patente com o avanço da pandemia. **Justamente quando a educação mais precisava, o governo federal realizou um enorme desmonte da educação pública.** Houve em 2020 uma queda abrupta e inexplicável do fluxo dos recursos federais em diferentes áreas da educação e Bolsonaro bloqueou quase 20% do orçamento da pasta. O resultado é um absurdo, visto que as necessidades educacionais aumentaram por causa da adaptação à nova realidade de ensino remoto ou híbrido.

Com isso, os **mais afetados foram justamente os estudantes pretos, pobres e periféricos**, abandonados à própria sorte no último período. Em primeiro lugar, porque a **transição abrupta para**

aulas virtuais, sem o devido apoio do Estado para assegurar acesso à internet para todos os jovens e estudantes, prejudicou imensamente milhões de estudantes por todo o país. Ainda, com as dificuldades geradas pela crise econômica, cresceu a necessidade de muitos estudantes de procurar emprego e assumir responsabilidades de sustento da casa, dificultando o foco nos estudos para muitos.

Dessa forma, o **ingresso de estudantes com vulnerabilidades socioeconômicas no ensino superior foi colocado em xeque**. No ano passado, Bolsonaro insistiu em fazer um ENEM, principal forma de entrada no ensino superior público, sem se preocupar com as diferenças dos estudantes em EAD, que maximiza as disparidades entre os estudantes. Mais do que isso, com toda a narrativa bolsonarista contra as medidas de distanciamento, o ENEM foi desorganizado, colocou em risco os alunos na pandemia e ainda teve inúmeros problemas que impossibilitaram muitos de fazerem a prova. Em adição, o SISU marcou-se pela exclusão e pela confusão, reflexos dessa conjuntura nacional que lutamos para combater.

Por outro lado, a permanência dos estudantes nas faculdades particulares se tornou um desafio ainda maior. Mesmo com a transição para o virtual, as instituições, as quais reduziram seus gastos com água, luz, internet, segurança e limpeza no período, **mantiveram suas elevadíssimas mensalidades, sem levar em conta os efeitos da crise econômica na renda dos seus estudantes**, em sua maioria também trabalhadores. Com isso, muitos tiveram que abandonar seus estudos, passando inclusive a se submeter a condições extremamente precárias de trabalho para garantir a subsistência.



Além disso, a migração do ensino presencial para o online, somado ao estresse causado pelo medo da pandemia e de um possível não aproveitamento do conteúdo pedagógico, vem **influenciando negativamente na saúde mental dos estudantes**. A educação se tornou solitária, marcada por incertezas sobre o presente e o futuro. Esse cenário vem agravando quadros de ansiedade e depressão entre os estudantes e, mais uma vez, as desigualdades se escancaram: são justamente os mais vulneráveis que contam com menos apoio nesse momento, afetando diretamente a permanência destes nas universidades.

O quadro só se agrava ao pensar em como será o futuro dos estudantes. Corremos o risco de termos uma “geração perdida” e, por isso, é fundamental que as demandas das juventudes sejam incluídas nos planos estratégicos e políticas públicas a serem instituídas como formas de retomar o desenvolvimento do país.

AQUI ESTÁ PRESENTE O MOVIMENTO ESTUDANTIL!

O movimento estudantil sempre esteve na linha de frente da luta contra Bolsonaro. Ocupamos as ruas no #EleNão, fizemos história nos Tsunamis da Educação e seguimos protagonizando os últimos atos, por vida, pão, vacina e educação.

A pandemia impôs uma série de desafios para a organização do conjunto dos movimentos sociais, incluindo o estudantil.

De repente, tivemos que nos adaptar a uma realidade de distanciamento social e de atividades virtuais, fazendo com que novas estratégias de debate e mobilização precisassem ser adotadas. Diante disso, os estudantes mostram sua força. A pressão dos estudantes, que ocuparam as redes sociais durante semanas, levou a duas vitórias centrais no último ano: **o #AdiaEnem e o #AprovaFundeb!** Isso nos provou que, mais do que nunca, é preciso aliar nossa atuação nas ruas à atuação nas redes.



Foi também o **movimento estudantil, através dos Grêmios, Centros Acadêmicos e DCEs, que lutou pela garantia de acesso à internet e manutenção do auxílio para os estudantes mais vulneráveis** durante esse período. Campanhas de arrecadação de computadores, de doação de modems, de distribuição de cestas e manutenção dos RUs para as moradias, de acolhimento e saúde mental, de flexibilização das regras de créditos e tantas outras foram encampadas com muita dedicação pelas entidades, que demonstraram seu compromisso com a permanência e com um projeto democrático de universidade.

Ainda, nas faculdades privadas, os estudantes provaram sua força ao **encabeçar as lutas pela redução das mensalidades**. Movimentos foram organizados em centenas de universidades por todo Brasil, em defesa dos direitos estudantis, pela diminuição da evasão e pela garantia da permanência. Educação é direito, não mercadoria.

Estivemos, estamos e estaremos sempre presentes, porque o movimento estudantil é luta, é resistência e é esperança. **Nem Bolsonaro, nem pandemia calarão nossa voz!**

DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA

Após esse período, talvez estaremos diante de um dos maiores desafios da história deste país. Serão necessários grandes investimentos para recuperar esses anos perdidos. Nosso desenvolvimento social e econômico no cenário pós-pandemia passa necessariamente pela educação e se o problema não for enfrentado de frente, a conta sairá ainda mais cara.

A educação deve voltar a estar no centro do orçamento e as consequências da pandemia devem ser revertidas. Mais do que nunca, se faz necessário o **perdão da dívida do FIES e a elaboração de uma proposta de financiamento mais simples, que não onere os estudantes com juros abusivos**. A juventude não pode pagar a conta da pandemia e da irresponsabilidade do governo.

Ainda, é fundamental articular para que as faculdades estejam ao lado dos estudantes, atendendo suas demandas e comunidades, de forma que eventuais demoras na regularização por parte do governo federal não gerem prejuízos para os alunos.

Precisamos também garantir que a retomada das atividades presenciais se dê de maneira segura para todos os estudantes, professores e funcionários. Cada universidade desse país deve estar preparada para garantir condições dignas de convivência e aprendizagem para seus alunos, seja do ponto de vista sanitário, seja do ponto de vista pedagógico. Assim, é papel da UNE propor um **protocolo mínimo a ser seguido e acompanhar de perto, junto às entidades de base, a implementação de tais medidas, a fim de garantir que ninguém fique para trás.**

Outro desafio que será enfrentado no contexto pós-pandêmico será a **luta contra a manutenção do ensino à distância**. A transição para o ensino remoto se fez necessária no último período como única alternativa para seguirem as atividades educacionais, mas tal modelo é bastante perigoso quando pensado a longo prazo. Em primeiro lugar, porque uma eventual tentativa de consolidar o ensino remoto nas Universidades públicas e expandi-lo nas privadas seria uma **tática de desmobilização popular** por parte do governo reacionário, uma vez que muitos estudantes se despertam para a política nas trocas que ocorrem nestes espaços.

Além disso, no caso das **universidades públicas, cuja característica intrínseca é justamente o fomento à pesquisa, a institucionalização do EaD representaria um ataque sem precedentes**. Daí a necessidade da UNE e do movimento estudantil estarem na

linha de frente desse debate no próximo período. Por outro lado, é preciso buscar a **adequada regulamentação do Ensino à Distância para as faculdades que já o adotam**, melhorando a qualidade do ensino, restringindo seu oferecimento a matérias optativas e pensando em formas de motivar os alunos a aprender os conteúdos propostos.

Seguiremos na luta por uma educação pública, gratuita e de qualidade para todos e todas. Precisamos defender as políticas educacionais de inclusão e a expansão de uma educação crítica e transformadora, capaz de realmente transformar a realidade que estamos inseridos. E tudo isso só será possível se o movimento estudantil seguir na luta pelo Fora Bolsonaro!



A UNE SOMOS NÓS! NOSSA FORÇA, NOSSA VOZ!

A história da União Nacional dos Estudantes é uma história de lutas. A UNE esteve na linha de frente da Campanha “O Petróleo é Nosso”, no combate à Ditadura Militar, nas “Diretas Já”, na criação do ProUni e fim do provão, nas mobilizações contra o Golpe de 2016, nos Tsunamis da Educação em 2019 e na luta pela manutenção e ampliação do Fundeb no ano passado. Hoje, em um momento de grandes ataques à democracia e à educação, protagonizados pelo governo genocida de Bolsonaro, não seria diferente.

Os últimos atos mostraram a força da esquerda e da juventude brasileira. Precisamos explorar esse potencial, trazendo cada vez mais estudantes com a gente. Devemos aproveitar o saldo dessas mobilizações de maneira que elas não se tornem eventos espo-

rádicos, mas possam acarretar em uma organização perene dos estudantes e de todo o setor progressista. Por isso, acreditamos que **é papel da UNE seguir na linha de frente das mobilizações pelo Fora Bolsonaro, convocando os atos e garantindo a presença massiva dos estudantes e das entidades.** Mais do que isso, é fundamental que a UNE protagonize um processo de **mobilização permanente vinculado aos territórios** para expandir nossos horizontes!

No mesmo sentido, propomos a criação do **Projeto UNE nos Bairros**, que consiste na construção de um programa nacional que organize os estudantes dos mais diversos cursos para desenvolverem trabalhos de extensão popular junto à sociedade, quebrando os muros da Universidade. Trata-se de uma forma de envolver os jovens em torno de projetos que vão além da sala de aula e que são capazes de transformar efetivamente a vida de diversas pessoas da comunidade. Em um contexto de retomada de atividades pós-pandemia, o projeto também cumprirá um papel de reencantar os jovens com a educação e com o movimento estudantil a partir das atividades que realizarão em suas próprias regiões.

Acreditamos também que a UNE tem o papel de pensar o acesso à Universidade. A pandemia de Covid-19 escancarou as desigualdades sociais e afastou o sonho de entrar no ensino superior de milhões de jovens. Precisamos garantir que as políticas de inclusão conquistadas durante os governos petistas, como as cotas raciais, o ProUni e o FIES sejam ampliadas. Também defendemos que a UNE articule uma **política de apoio e integração dos cursinhos populares** e que organize no próximo período um **Encontro**

de Educadores Populares, aberto para estudantes de todo país.

Além disso, a UNE deverá estar ao lado das e dos estudantes no período de retorno das atividades presenciais. Muitas universidades têm se aproveitado da necessidade do ensino remoto durante a pandemia para articular um projeto de desmonte das instituições para o período pós-pandêmico, com manutenção do ensino à distância. Nesse sentido, defendemos a criação de uma **frente de monitoramento da volta às aulas presenciais nas universidades públicas e privadas**, vinculada à UNE e articulada com as demais entidades de base, que seja capaz de acompanhar esse processo.

Assim, seguiremos construindo uma UNE à altura de seus desafios. Que tenha como norte a territorialização do movimento estudantil, para além das telas de computadores e dos muros das universidades. Que seja capaz de contribuir com o ingresso de milhares de jovens na universidade, os quais estarão sempre na linha de frente da defesa da educação e dos direitos do povo brasileiro!



PROPOSTAS E BANDEIRAS DO DISPARADA:

- ★ UNE e Movimento Estudantil na linha de frente das lutas pelo **Fora Bolsonaro e Lula Presidente!**
- ★ Construção do **Projeto UNE nos Bairros**
- ★ Política da UNE de **Apoio e Integração dos Cursinhos Populares**
- ★ Pela **Territorialização do Movimento Estudantil!**
- ★ Estruturação da **Frente de Monitoramento da Volta às Aulas** em conjunto com as entidades estudantis
- ★ **UNE presente** em todas as universidades
- ★ **Contra a Institucionalização do EaD** nas Universidades Públicas!
- ★ Organização de **Encontro de Educadores Populares** da UNE
- ★ Em defesa da universidade **pública, gratuita, de qualidade e democrática!**
- ★ Educação não é mercadoria: **pela redução das mensalidades e perdão das dívidas do FIES Já!**
- ★ Ninguém fica pra trás: foco para **permanência e saúde mental** dos e das estudantes

DISPARADA



@disparada_nacional